

Título

MÃES QUE “GERAM” TOXICODPENDÊNCIA: FIGURAS DO FEMININO NO DISCURSO DAS CAMPANHAS PÚBLICAS

PINTO-COELHO, M. Z. S (2004) “MÃES QUE “GERAM” TOXICODPENDÊNCIA: FIGURAS DO FEMININO NO DISCURSO DAS CAMPANHAS PÚBLICAS in Ana M. Toscano, Shelley Godsland (Orgs.) *Mulheres Más. Percepção e representações da Mulher Transgressora no Mundo Luso-Hispânico*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 345-365

Autor

Zara Coelho

Departamento de Ciências da Comunicação

Universidade do Minho

Resumo

Neste artigo analiso o modo como se fala sobre mulheres em campanhas públicas anti-droga. Resultados da minha investigação anterior (Pinto-Coelho 2002) mostram que a atenção dada às mulheres neste tipo de campanhas é muito reduzida, se comparada com a dada aos homens utilizadores de drogas ilegais. Quando escolhidas para tópico do discurso, são construídas como mães em configurações problemáticas de família que “geram” toxicodpendência, e como mães toxicodpendentes. Neste artigo, analiso apenas a construção discursiva do primeiro tipo de figura. Para o efeito, utilizo a abordagem crítica da análise do discurso (Kress e Van Leeuwen 1996, Wodak 1997, van Dijk 2001). Tal significa que não descrevo apenas os conteúdos e formas do discurso. Pretendo também desmistificar a aparente neutralidade ideológica (neste caso, ao nível das ideologias de género) das políticas públicas, e das práticas institucionais de controle “soft” das drogas, nomeadamente, das chamadas campanhas de prevenção da toxicodpendência. De facto, a minha investigação sobre o assunto permite concluir que o discurso das campanhas nacionais não se lê sem teorias críticas da diferença que tratam - no mínimo - a classe, a idade, e o género. No mesmo sentido aponta já uma longa tradição de estudos sociais e culturais sobre drogas, ainda que relativa a outros países, nomeadamente aos EUA (ver, por exemplo, Campbell 2000). Levar em consideração a relação entre utilizadores de drogas e outras categorias de Outros e, em particular, o papel do discurso institucional na (re)produção da diferença, é crucial para compreender a posição que as/os utilizadores de

drogas têm sido como “Outros culturais”, e como sujeitos politicamente subversivos. Simultaneamente, permite-nos compreender que a forma como são governadas as mulheres no domínio das campanhas públicas anti-*droga* é parte integrante da forma como são reguladas as mulheres em geral na sociedade portuguesa.

Em seguida, apresento a metodologia, dados utilizados e contextos respectivos, passando por último a uma análise detalhada de um texto.

Princípios da Análise

A análise dos modos como as identidades e relações de género são construídas na e através da presença/ausência de certos conteúdos e formas, linguísticas e visuais, no domínio das campanhas anti-*droga*, assenta numa concepção de discurso específica que compreende várias dimensões.

Discurso é aqui entendido como a linguagem em uso na escrita e na fala num determinado contexto interaccional (Van Dijk 1997a). Com esta visão interaccional, sublinha-se a ideia de que o texto constitui apenas o produto resultante de um processo global de interacção social. Isto significa que discurso não é meramente um certo tipo de texto, nem a actividade individual de escritores, mas uma forma de interacção social entre actores sociais, membros de categorias sociais, grupos, profissões, organizações, sociedades e culturas. No caso em estudo, os resultados da investigação já realizada mostram que os enunciadores do discurso se apresentam e interagem com os leitores/espectadores a partir de uma posição de poder e de autoridade. Tal posição assenta na posse de um saber científico e prático especializado, e no estatuto associado ao seu posicionamento estrutural. Fazem-no, de uma forma activa (porque assim se constroem no discurso), como clínicos ou “técnicos de saúde” ao serviço de instituições especializadas, e como representantes do programa oficial de controlo médico-sanitário dos utilizadores de drogas. De uma forma não consciente, nem directamente articulada no discurso, representam-se como membros das classes médias citadinas, brancas, heterossexuais e masculinas. A visão (interaccional) do discurso implica também uma visão do uso da linguagem como um conjunto de escolhas de um sistema de opções disponível, linguísticas e semióticas (Kress 1990). No entanto,

importa sublinhar que embora todas as escolhas linguísticas sejam relevantes, não desempenham funções fixas em diferentes contextos. A análise interaccional torna-se, por conseguinte, um processo interpretativo que visa identificar as motivações e os resultados subjacentes à variação das escolhas. Aos vários níveis do contexto (interaccional, institucional, societal).

O entendimento do discurso antes explicitado abarcou, ainda que de uma forma implícita, outra dimensão deste complexo conceito: a de discurso, não apenas como uma sucessão de actos realizados por utentes linguísticos na interacção social, mas como uma forma de “prática social” complexa (Fairclough e Wodak 1997). Tal significa que as escolhas realizadas num determinado evento comunicativo são (vistas como) constringidas pelos parâmetros (interpretados) das instituições e estruturas sociais que modelam esse evento, mas também contribuem para constituir esses mesmos parâmetros. Nesta linha, vejo o discurso como construtor dos mundos sociais e biológicos, e das identidades e relações sociais em contextos sócio-históricos específicos. Dado o meu interesse nas representações das diferenças de género, e dada a importância fundamental do tema *família* no discurso das campanhas, tal assunção significa que não há nada de inerente à identidade de mulher e de homem, de mãe ou de pai, nem na estruturação das relações de género entre os mesmos (West, Lazar e Kramarae 1997). O facto de percebermos estas relações e identidades de certas formas, digamos, a maternidade como natural, e a paternidade como social, está ligada a dicotomias essenciais na nossa forma de pensar, de viver e de nos expressarmos que integram uma hierarquização estruturada do masculino e do feminino num determinado momento histórico (Cameron e Kulick 2003). Portanto, o que aparece como fixo, como verdade imanente pode ser analiticamente desconstruído, mostrando como tais construções resultam de determinados pressupostos sócio-políticos, servindo simultaneamente certos interesses, ao mesmo tempo que subordinam outros. Mostrando, portanto, o funcionamento ideológico das mesmas (Wodak 1997). Tal não deve ser confundido nem com uma negação da realidade, nem com um destacar da materialidade face ao significado. Em termos de luta social, esta posição traduz-se na ideia de que as reivindicações político-sociais devem envolver simultaneamente a luta pelas condições da vida das mulheres, e a defesa da abolição desta categoria mental e vivencial. Por fim, resta

referir um significado menos comum nos estudos linguísticos do termo discurso: o de discurso não só como operando através da linguagem, mas também através de outras modalidades semióticas (Kress e Van Leeuwen 1996). Neste estudo analiso o modo como o jogo cruzado da linguagem e das imagens visuais concorre para a realização de significados ideológicos.

O princípio interpretativo na base da análise é relacional. A questão que assim ganha relevo diz respeito à forma como os homens são sistematicamente representados de modos que as mulheres não são, e os modos como as mulheres são representadas sistematicamente em formas que os homens não são. Noutras palavras, interessa o modo como as presenças relativas, bem como as ausências relativas estão organizadas segundo linhas de género. Esta política de representação constitui fundamentalmente uma questão de poder já que “as possibilidades para modos de ser ou de não ser estão desigualmente distribuídas para homens e mulheres, e a assimetria beneficia uma parte a expensas da outra” (Lazar 2000: 394).

Dimensões e Níveis da Análise

O objectivo da análise consiste em mostrar um conjunto de representações que evidenciam a operação de uma ideologia particular nos textos (uma ideologia dominante de relações assimétricas de género, conservadora, ou uma contra ideologia de relações igualitárias de género), a partir de um conjunto de estruturas discursivas e processos que indiciam essas representações.

Não cabendo no espaço deste artigo a explicação e o tratamento pormenorizado das várias estratégias utilizadas no texto em análise, indico apenas algumas das propriedades consideradas reveladoras de posicionamentos ideológicos. Para a análise das estruturas verbais, uso a gramática proposta por Van Dijk (1997b) para a análise ideológica. Ao nível semântico do discurso, destaco o papel da lexicalização, das estruturas proposicionais, das implicações, dos pressupostos e da coerência local. Das estruturas “superficiais”, sublinho o papel das modalidades, da pronominalização e da sintaxe (Kress e Hodge 1979). A análise das imagens parte da gramática visual desenvolvida por Kress e Van Leeuwen

(1996), ela própria inspirada na gramática de Halliday (1994) e na teoria do mesmo sobre a construção tripla do significado: ideacional (processos accionais, reactivos, conceptuais e analíticos descritivos); interpessoal (modalidade, distância e proximidade social); e textual (saliência e valor informativo).

Dados e Contextos

Os dados seleccionados integram um *corpus* ligado a dois projectos de investigação aprofundada que deram origem à minha tese de doutoramento.¹ Neste artigo analiso apenas uma brochura educativa e instrutiva, publicada pelo Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga (1ª edição:1979; 2ª edição: 1991). O título dessa brochura é “Nossos filhos, nós e a droga”. Este documento, que resulta de uma tradução de uma edição francesa, foi divulgado de uma forma maciça numa campanha europeia, realizada em 1992, sob o lema “Prevenção Desafio para Todos”. Estas, como outras campanhas, têm constituído um instrumento de regulação de comportamentos recorrente na política nacional contra as drogas desde 1987. Lembramos que, à data, o consumo ainda era punido como crime, e o único objectivo visto como legítimo em todas as vertentes do combate era a abstinência. No entanto, o período em consideração corresponde também a uma crescente medicalização das drogas ilegais e, em consequência, a um reforço da dimensão médico-sanitarista do sistema de controlo especializado das drogas (Valentim 2000).

Ao nível temático, os textos que integram o *corpus* referente às campanhas lidam quer com representações do casal e da vida familiar do “potencial toxicodependente”, quer com representações da “mulher toxicodependente”. No que diz respeito ao primeiro tema, objecto de análise neste artigo, o número de textos é imenso. A brochura “Nossos filhos, nós e a droga” foi seleccionada porque fornecia elementos para combinar uma análise linguística com uma análise semiótica. Para termos uma ideia, importa referir que os

¹ Num desses projectos analisei 251 documentos divulgados em seis campanhas públicas anti-droga, realizadas no nosso país entre 1987 e 1994. No outro, analisei as conversas do quotidiano sobre droga, partindo de entrevistas informais semi-abertas. Para uma leitura integral destes documentos, ver o sítio <http://natura.di.uminho.pt/jjbin/corpora>

tópicos sobre “pais e droga” se inscrevem no tema dominante do discurso das seis campanhas analisadas, a saber; as relações entre “a sociedade” e potenciais jovens consumidores de drogas. Tal pode ser explicado pela ideologia dominante da prevenção das drogas no complexo médico-terapêutico nacional. À semelhança do que acontece em países como a França, ou os EUA, o discurso sobre “a família” tem tido um papel central na construção terapêutica do problema *droga* no nosso país. Em muitos casos, a linguagem funcionalista é utilizada nestes discursos - as famílias “disfuncionais” reproduzem o desvio, e as “funcionais” constituem a primeira linha de defesa no “combate à droga”, o meio através do qual as crianças devem aprender a dizer não à droga em primeiro lugar. A análise que fiz permitiu concluir que o discurso das campanhas de prevenção, tal como o discurso terapêutico, genericamente falando, trata a família nuclear, heterossexual como a norma mais saudável, o antídoto contra a droga. E considera as estruturas familiares alternativas, por exemplo, de pais divorciados como sendo de alguma forma “disfuncionais”, ou “erradas”. Veremos no decorrer da análise que este tipo de julgamento é também aplicado a famílias em que a mãe trabalha. Nestes casos, a culpa pelo desvio recai mais sobre mães trabalhadoras do que sobre pais trabalhadores. Em termos globais, poderia dizer que a ideologia da maternidade que atravessa este discurso especializado é a ideologia dominante da maternidade nas sociedades ocidentais contemporâneas: uma ideologia que simultaneamente valoriza e desvaloriza as mães, as idealiza como fonte de todos os cuidados, e as condena como fonte de todas as patologias (Badinter 1980, Phoenix *et al.* 1991, Forna 1999). De tal forma que, em todos os casos de crianças perturbadas, pode ser descoberta uma mãe. Uma mulher frustrada, reprimida, infeliz, nunca satisfeita. Uma esposa exigente, conflituosa. Uma mãe superprotectora, dominadora, rejeitante, como no caso das mães que geram “toxicodpendência” (Campbell 2000).

Análise da Brochura “Nossos Filhos, Nós e a Droga”

Como referi antes, o tema “Pais e droga” tem um papel central no discurso articulado nas campanhas. À semelhança do tratamento dado a outros temas, as representações das relações de género articuladas no discurso sobre “os pais e a droga” são profundamente

ambíguas e aparentemente contraditórias. Assim, destaco dois tipos de discursos em articulação: um discurso igualitário, e um discurso conservador.

Discurso Igualitário de Género

O discurso do igualitarismo é identificável na brochura “Nossos filhos, Nós e a droga” em termos de três tipos de representação: 1) a representação da parentalidade como simétrica para mulheres e homens; 2) o retrato do homem como pai dedicado, extrovertido, sensível; 3) o retrato das mulheres como mães e como profissionais.

A parentalidade simétrica Um dos modos em que o igualitarismo entre géneros é construído na brochura ocorre através de um convite a ver a parentalidade como sendo idêntica para mulheres e homens. Os dados da minha investigação mostram que nos textos em que se fala sobre pais e droga, mulheres e homens são colectivamente referidos como participantes agrupados. A brochura agora em análise não constitui excepção. Em muitas instâncias, mulheres e homens são colectivamente referidos como participantes agrupados. Ao nível da escolha lexical, o substantivo neutro em termos de género *pais* é claramente preferido a termos como *pai/paternidade, mãe/maternidade*. No que concerne à escolha dos pronomes, temos sistematicamente o colectivo *nosso/nós*, ou o pronome indefinido *você*, uma variação primeira/segunda pessoa que marca o modo como a brochura é apresentada. Outra das estruturas responsável pela elisão do género consiste na colocação em segundo plano do agente da acção. O que sugere que as prescrições se aplicam ao pai e à mãe, como se fossem uma unidade indiferenciada. Vejamos:

- 1) *Você, pai ou mãe, pode desta forma, contribuir decisivamente para o equilíbrio do seu filho.*
- 2) *Poder dialogar é também ter tempo para estar com o interlocutor desejado: o **nosso** filho.*
É necessário:
Ajudar o seu filho a tomar decisões (por volta dos 6-7 anos isso já pode acontecer).
- 3) ***Conserve** a calma. Não se excite! Não dramatize! Sobretudo não ameace.*

A representação do igualitarismo expressa nas estruturas da linguagem tem apoio visual em algumas das imagens da brochura. Em duas dessas imagens, a simetria é expressa de duas formas. Mostra-se o casal em vários processos accionais comuns (os dois a

ouvirem o filho, os dois a abraçarem a filha), sugerindo assim que o que estão a fazer é um esforço comum. Para além disso, a forma como pai e mãe estão distribuídos através do espaço é simétrica: estão a uma distância igual um do outro, e quase iguais no tamanho e na orientação. Segundo Kress e Van Leeuwen (1996: 88) estes indicadores visuais expressam “um processo classificatório” implícito. Tal processo sugere que pai e mãe são membros da mesma categoria, em vez de serem classificados de acordo com os papéis diferentemente valorizados de “pai” e de “mãe”.

O pai dedicado O discurso de relações simétricas de género é expresso também em termos de uma construção bem conhecida nos estudos de género e culturais: “o novo homem (Lazar 2000). Uma dimensão importante desta forma nova de masculinidade surge através da figura do pai extremoso, sensível, emotivo, atento e prestável, em oposição clara à figura tradicional do “providenciador de recursos”, autoritário e distante. Na brochura “Nossos filhos, nós e a droga” podemos observar este novo pai nas interações entre homens e crianças. O retrato resulta do funcionamento em uníssono de certas estruturas representacionais visuais e estruturas composicionais. No que diz respeito às estruturas representacionais visuais, distinguem-se, numa das imagens da brochura, vários traços típicos de carinho e de ligação emocional. Estes traços são realizados por estruturas transaccionais do tipo falar, sorrir, olhar atentamente a criança sentada no colo. Ao mesmo tempo, estes processos indicam também uma estrutura analítica que representa o homem como o todo, o Portador (*carrier*), e a criança como a sua parte, um Atributo, visualmente vista como a sua extensão. As estruturas composicionais modelam estes elementos visuais, reforçando o seu valor emocional. O pai ocupa uma posição central no desenho, sendo o sorriso e o olhar que dirige ao filho os elementos gráficos que ganham mais saliência. Os contrastes entre os tamanhos do pai e do filho, da posição central e oblíqua que ocupam, concorrem também para reforçar a sensibilidade do pai face à vulnerabilidade da criança.

De uma forma mais global, em muitas das imagens da brochura, os homens são apresentados como estando activamente envolvidos na vida familiar. Tal é realizado através da representação dos homens de um modo analítico. Ou seja, de uma forma em que os homens, junto com outros personagens, são representados como partes que compõem “a família” completa. Por exemplo, todos à volta da mesa do bolo de anos, todos a escalarem

uma montanha. Estas imagens convidam a uma interpretação de relações simétricas de género, pois temos aqui o retrato de um homem como estando envolvido, e como sendo parte activa nas cenas da vida familiar.

Mãe e profissional Se o retrato do novo homem aparece de uma forma saliente e optimista, o mesmo não se aplica à construção da mãe-que-trabalha-fora-de-casa. De facto, esta mulher é apresentada como fazendo parte da “ordem natural” da vida familiar e, nessa medida, nunca integra explicitamente “o centro da mensagem”. No plano visual, é gritante o contraste quantitativo entre imagens com indicadores que constróem uma ponte entre a vida profissional e doméstica das mulheres, e as que o fazem relativamente aos homens. A compatibilidade ou harmoniosa coexistência entre a carreira de um homem e a sua vida familiar não se verifica relativamente às mulheres. Olho, na secção seguinte, para os papéis sistematicamente diferentes executados pelas mulheres e homens na esfera doméstica. Considero que nas representações da diferenciação dos papéis de género não está apenas em jogo uma diferença funcional. Essas representações implicam assimetrias e desigualdades entre mulheres e homens.

Discurso Assimétrico de Género

Para evidenciar a construção da assimetria, levo em conta dois aspectos: 1) a divergência sistemática dos papéis executados pelas mulheres e homens na esfera doméstica e 2) as diferenças nos modos como homens e mulheres conciliam as identidades parentais respectivas com o mundo do trabalho remunerado.

Homens Uso agora as estruturas transaccionais para analisar, num primeiro momento, imagens em que mulheres e homens estão co-presentes e, num segundo momento, imagens que retratam homens interagindo com crianças. Nas imagens em que homens e mulheres estão presentes, o tipo de tarefas atribuídas aos pais (comparadas com as atribuídas às mães) indicam entendimentos diferenciados da natureza dos cuidados familiares que cabem a cada um. Os homens nessas imagens são retratados a desempenhar o papel de instrutor activo. Enquanto que, como veremos na secção “mulheres”, o apoio e os cuidados de rotina são deixados para a maternidade, sendo colocados na periferia. Por exemplo, temos um desenho onde a mãe segura os livros, enquanto o pai aponta no mapa um determinado sítio

para que a filha fique esclarecida, em vez de ser o contrário. O pai como instrutor activo estende-se às interações dos homens com as crianças. Temos os exemplos de uma imagem onde o pai é representado a falar com o filho sobre um disco de música que segura na mão; e de outra imagem em que o pai fala com a filha num espaço da casa onde há uma estante com livros. Destaco mais outro desenho em que a representação do pai como instrutor activo é feita de um modo indirecto. Nessa imagem, o filho (Actor) fala com o pai (Beneficiário) sobre um livro num espaço que evoca um ambiente de livraria. Digo que é feita de um modo indirecto porque a criança está no centro da imagem, numa posição oblíqua e o homem no lado esquerdo da imagem, de costas para o leitor. Mas o facto da criança ser mostrada a olhar para o pai, ao mesmo tempo que aponta para um livro sobre drogas, torna a figura do pai o ponto fulcral do balanço dessa imagem em termos da sua composição, o espaço da “mensagem central”. A instrução activa parece ser prerrogativa da paternidade e ocupa uma posição central.²

Talvez tal assimetria se torne mais evidente nas representações dos pais como “chefe de família” ou como “cabeça de casal”. A posição central ocupada pelo pai em relação aos membros da família é indicada em duas imagens. Essas imagens ocupam uma posição de destaque na sequência da brochura: no centro da capa, no topo da página que inicia a primeira parte da brochura. Na imagem da capa, temos um retrato de família com dois adultos e uma criança sentados no sofá da sala, enquanto outra criança está pendurada nas costas do dito sofá. Esta imagem demonstra uma estrutura transaccional em que o pai é o Actor, e a criança sentada no meio dos adultos, a Beneficiária. A composição espacial reforça a saliência central da figura do pai. A Beneficiária da acção está no centro da imagem olhando atentamente o pai, o que conduz o observador para a figura do pai, que se torna assim o elemento da imagem com mais peso. O outro exemplo, da imagem que inicia o primeiro capítulo da brochura, talvez seja mais revelador. Oferece-nos um retrato clássico de família. Embora o pai seja um dos membros da família (e um dos dois adultos), é representado como o mais saliente, a figura central, ladeado pela mulher, de pé ligeiramente à frente, estando as crianças dispostas à frente dos dois, a filha à frente da mãe, o filho à

² Ocupar uma posição central significa que se verifica uma maior frequência no retrato das actividades do pai com as crianças.

frente do pai. Na imagem, o pai tem um braço em torno da mãe, que define a mesma em relação a ele como sua mulher, e uma mão no braço de um rapaz pequeno que define a criança em relação a ele como seu filho. Tal imagem demonstra uma estrutura analítica exaustiva em que o pai, em relação à família, é representado como um Portador (*carrier*) com os membros da sua família representados como seus Atributos. A interpretação das estruturas analíticas evoca uma relação de propriedade, expressa pelo facto do homem colocar um braço em torno dos ombros da mulher (e não o contrário).

Até agora analisei as representações assimétricas dos papéis dos homens na esfera doméstica. A seguir, irei centrar-me na forma como os homens são representados como sendo capazes de negociar entre a sua identidade como pais e a sua identidade como profissionais. A compatibilidade entre as identidades é accionada por representações dos homens que fazem a ponte entre os mundos da família e do trabalho. O retrato dos homens no mundo público do trabalho é sinalizado pelas roupas que vestem (camisas de manga comprida, fatos e gravatas). Na terminologia linguística de Halliday, tal constitui um processo atributivo relacional intensivo, ou seja, os atributos descrevem quem é o Portador (*carrier*). Por conseguinte, os homens são vistos como Portadores cuja identidade profissional está inscrita nos seus corpos. Mais uma vez recorro às estruturas transaccionais e composicionais para a análise. Por exemplo, temos uma imagem que mostra o filho a falar com o pai, no momento em que este atravessa a soleira da porta da entrada, após mais um dia de trabalho. A expressão facial do pai, e a sua postura corporal vergada, indiciam um estado de desgaste. A outra imagem, que em termos da sequência da brochura vem imediatamente a seguir à imagem antes descrita, mostra o pai sentado numa secretária cheia de livros a olhar para a filha que fala com ele. Em uníssono com estas imagens temos uma frase em que se admite a existência de incompatibilidades entre o empenhamento do homem na carreira e o seu papel na família. Mas tal é tornado algo de esperado e de alguma forma desculpável:

Deixe os seus filhos falarem consigo mesmo que tenha preocupações, trabalho, dores de cabeça ou desejo de descansar.

Chamo a atenção para o papel semântico e ideológico de certas estruturas verbais: pressupostos e implicações. A conjunção subordinativa concessiva no meio da frase activa a pressuposição de que os homens estarão ausentes devido às suas carreiras, e que isso em si quase não é surpreendente. Quanto ao facto de tal ser compreensível, vemos que a prescrição expressa neste exemplo contem uma censura implícita para que os homens balancem melhor os seus duplos papéis. No entanto, sugere-se simultaneamente a possibilidade de um equilíbrio, ou seja, sugere-se que os homens, de alguma forma, podem “ter tudo”. O que torna a ausência do pai de algum modo desculpável. Este tipo de tratamento não é dado às mulheres na mesma situação. Pelo contrário. Tal será abordado nos parágrafos seguintes.

Mulheres Vou evidenciar primeiro a representação das mulheres na esfera doméstica como mães. Num segundo momento, tratarei da representação das mulheres em termos da conciliação entre crianças e carreira. O mais significativo na construção da identidade de mãe diz respeito à forma como a maternidade é representada. Na secção anterior, vimos que aos homens são atribuídas certas tarefas de instrução na família. Similarmente, vamos ver que as tarefas dos cuidados diários, de rotina, são reservadas às mulheres. Essas tarefas ilustram a devoção das mulheres aos outros. Visualmente tal manifesta-se em estruturas transaccionais em que a mãe é o Actor, e a família o Alvo ou Beneficiário. Por exemplo, as mulheres são retratadas a cozinharem, a vestirem os filhos, a porem a louça e a comida na mesa. A natureza de género das tarefas mundanas realizadas pela mãe é enfatizada através de um contraste entre o que a mãe faz e o que o pai faz no mesmo momento, se co-presente. Para pegar num exemplo, temos uma imagem em que o filho convida os amigos, que aguardam na porta da entrada, a entrarem em sua casa, sob o olhar atento da mãe e do pai. A mãe é apresentada com pratos e copos na mão, o pai com os braços em repouso, concentrado apenas na chegada das visitas. Nesta imagem temos o accionamento da figura do chefe de família, lado a lado com a figura da mãe empenhada na satisfação das necessidades básicas de todos. Outro dos indicadores presentes na brochura consiste no facto de que o tipo de cuidados realizados pelas mulheres não constituem o foco da atenção dos filhos, ou do marido. Ao contrário do que se passa com o pai. Como se este tipo de

cuidados fosse algo que as mães fazem “naturalmente”, e logo não merecedores de atenção.

Mas estas assunções e expectativas assimétricas em relação ao género tornam-se mais evidentes na representação das mulheres em relação à carreira e vida familiar. Ao contrário das representações dos homens e da família, em que o tom é compreensivo, não obstante as críticas implícitas, e onde se acentua a possibilidade de uma conciliação entre vida familiar e vida profissional, as mulheres que também trabalham fora de casa são culpabilizadas pelo desvio potencial ou real dos filhos. E apenas elas. Ainda que tal ocorra de forma implícita. Esta relação causal é construída em duas passagens da brochura “Nossos filhos, nós e a droga”, através do jogo cruzado de indicadores visuais e linguísticos. Ambas as passagens ocorrem na segunda parte da brochura em que se explica aos pais por quê razões “os filhos” usam drogas. Na primeira delas, que também é a primeira na ordem sequencial da brochura, diz-se o seguinte:

*Sabemos que a toxicodependência é um fenómeno muito complexo, ou seja, a dependência de drogas é um comportamento explicado por um conjunto variado de razões. No entanto, há factores que sabemos serem comuns ou pelo menos muito frequentes na raiz deste problema. Exemplos: **Famílias emocionalmente desorganizadas**, escolas (...).*

A acompanhar esta passagem, apresentada no lado superior direito da página, temos uma imagem no lado esquerdo superior da mesma página. Seguindo o percurso do olhar de um leitor clássico (da esquerda para a direita), esta disposição espacial pode implicar que a imagem constitui o primeiro elemento a ser notado. E o que se mostra nessa imagem? Olho agora para as estruturas transaccionais e composicionais. Nessa imagem mostra-se a mãe de costas, na porta de entrada da casa, a despedir-se de um dos filhos que está virado de frente para o leitor. Enquanto o pai, de pijama, e de costas voltadas para a mãe, toma o pequeno almoço, alheio à sua saída; o segundo dos filhos, de robe, ruma na direcção oposta à da porta da entrada, e o terceiro está sentado no sofá, em frente à televisão, de óculos escuros no rosto e com *head-phones* nos ouvidos. O jogo cruzado da imagem e dos indicadores verbais parece sugerir que *famílias emocionalmente desorganizadas* são aquelas em que as mães estão ausentes devido às suas carreiras profissionais. Esta culpabilização implícita das

mães torna-se mais notória no momento em que, já no fim desta sequência e desta parte da brochura, se diz o seguinte, no canto inferior esquerdo da página:

Os pais devem estar atentos. Você deve ter um papel activo e importante. Não deixe que as coisas aconteçam...

Do lado direito desta frase, temos uma imagem. Seguindo Kress e Van Leeuwen (1997) diria que esta estrutura composicional horizontal de tipo esquerda direita, implica que os conteúdos da frase são apresentados como sendo da ordem do pré-dado, do já conhecido pelo leitor. Enquanto que, a imagem, colocada no lado direito, constitui o lado da “nova informação”, sendo portanto o “centro da mensagem” e, nessa medida, o ponto a que o leitor deve prestar uma atenção particular. Ou seja, a imagem constitui uma aplicação específica ao caso concreto do leitor do que é “dado como conhecido”, sendo um visual do tipo “incluindo tu”. Em termos de estruturas transaccionais, nessa imagem temos um homem que apontando para o seu relógio de pulso repreende uma mulher. A mulher está na entrada da porta de um escritório, de pé, a tirar o casaco e a olhar para o suposto “chefe”. Essa mulher corresponde à mãe das imagens anteriores. O *script* visual constitui assim uma forma de fechar o texto, dando “aos pais” um modo específico ou prescrito de ler as prescrições acima transcritas. Importa sublinhar também a escolha da modalidade negativa para expressar os conteúdos. Para Kress e Hodge (1979), a negativa constitui um sistema de modalidade que reflecte relações sociais, traduzindo tipos de conflitos e contradições em formas de negação. O antagonismo na base desta negação remete-nos, em termos sócio-políticos, para as relações entre família e Estado no domínio das drogas, e para o fogo cruzado de reenvio de responsabilidades pelo ocorrer do “desvio” (e também pela sua solução) que as caracterizam. Na análise exaustiva que fiz detectei um padrão sistemático de culpabilização dos “pais” nos processos de atribuição de causas para o início do uso de drogas. “Os pais” surgem assim como agentes da sua própria “disfuncionalidade”. A culpabilização feita de uma forma implícita, tal como ocorre neste exemplo concreto, implica, ao nível sócio-político, a total des-responsabilização do Estado, políticos e governos, e dos serviços públicos e privados intervenientes na gestão da ordem das drogas.

Ao mesmo tempo que justifica a necessidade de abrir as famílias ao escrutínio público, intervenção e regulação. Ao nível da imagem projectada pelo locutor A negativa constitui uma tentativa de auto-exoneração. Ao nível representacional, o jogo complementar entre imagem e texto mostra claramente que o alvo desta acusação velada é a mãe, e não o pai. Ao contrário do que falsamente sugere a escolha do termo colectivo “pais”.

Temos assim que o tratamento dado às mulheres e aos homens no que diz respeito à negociação da relação entre esfera privada e esfera pública mostra diferenças claras. A culpa, e também a responsabilidade pela solução, são assimetricamente distribuídas. As mulheres são responsabilizadas não só pelo eclodir do comportamento de uso de drogas dos filhos, como são vistas também como as principais responsáveis pela prevenção do mesmo. Desta forma, o facto do filho ou da filha usar drogas é sintomático da deficiência da mãe como uma “boa mãe”. Ao contrário do que acontece com os homens, sugere-se que as mulheres são obrigadas a fazer escolhas. Fazer um balanço entre uma carreira e família não significa assim dar um peso igual às duas vias. Pelo contrário, significa pôr em primeiro lugar o papel de mãe. Por outras palavras, a identidade das mulheres como mães é privilegiada como sendo a sua identidade primária. Trata-se de uma identidade que tem importância estratégica para os outros: crianças, homens/maridos e Estado. No discurso das relações assimétricas de género tal precisa de ser salvaguardado. A regulação ocorre através de ameaças e sanções pelo “desvio” das crianças.

Conclusões

Neste artigo mostrei que o espaço discursivo por excelência de construção do géneros nas campanhas públicas anti-droga é a família nuclear, o casal heterossexual. Fi-lo a partir de uma análise crítica do jogo cruzado e em unísono de estruturas linguísticas e semióticas presente numa brochura dirigida a pais. Defendi que nesta brochura estavam co-presentes dois tipos de discurso de relações de género: um de natureza conservadora, outro de natureza mais igualitária. Como vimos, entre estes dois tipos de discurso, a balança aponta no sentido do conservadorismo, da manutenção de um regime de género sexista. A noção de partilha implicada no uso de termos como “pais” encoraja uma visão de

complementaridade de papéis de género, em que as funções dos pais e mães são ditas “diferentes mas iguais”. Mas esta visão põe de lado disposições estruturais na sociedade que apoiam uma ordem de género dicotómica e hierárquica. Trata-se, portanto, de uma neutralidade aparente. Em segundo, como foi dito, o novo homem, não se traduz numa redistribuição das responsabilidades dos cuidados prestados às crianças. A análise mostra que os homens têm muito a ganhar em se tornarem pais, tendo a opção de estarem mais envolvidos com os cuidados das crianças. Mas não estão presos a essa identidade. Em oposição, para as mulheres é compulsiva uma identidade centrada na maternidade. Vimos que a regulação desta identidade é feita através da criação de medos e da atribuição de culpas pelo “desvio” das crianças. Desta forma, é criada uma dicotomia entre boas e más mães. Tal dicotomia serve simultaneamente para justificar o escrutínio e constrangimento estatal das escolhas e acções das mulheres, e para desviar a atenção das estruturas maiores, decisões, e políticas que amplificam os nossos múltiplos problemas de drogas e que reforçam as desigualdades de género.

Referências

- BADINTER, Elisabeth, 1980, *O Amor Incerto- História do Amor Maternal do Século XVII ao Séc. XX.*, Lisboa, Relógio d'Água.
- CAMERON, Deborah, KULICK, D., 2003, “Making Connections”, in Deborah Cameron, D. Kulick, *Language and Sexuality*, Cambridge, Cambridge University Press, pp.1-15.
- FAIRCLOUGH, Norman e WODAK, Ruth, 1997, “Critical Discourse Analysis” in Teun. Van Dijk (ed.), *Discourse as Social Interaction*, Londres, Sage, pp. 258-284.
- FORNA, Aminatta, 1998, *Mothers of all Myths. How Society Moulds and Constrains Mothers*, Londres, HarperCollins Publishers.
- HALLIDAY, Michael, 1994, *An Introduction to Functional Grammar*, 2ª ed., Londres, Edward Arnold.
- KRESS, Gunther, HODGE, Robert (1979), *Language as Ideology*, London, Routledge.
- KRESS, Gunther, 1990, “Critical Discourse Analysis”, in W. Grabe (org.) *Annual Review of Applied Linguistics*, 11, pp. 89-90.
- KRESS, Gunther. e Van LEEUWEN, Theo, 1996, *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, Londres, Routledge.
- LAZAR, Michel, 2000, “Gender, Discourse and Semiotics: the Politics of Parenthood Representations”, *Discourse & Society*, vol. 11 (3), pp. 373-400.
- PHOENIX, Anne e WOOLETT, A., LLOYD, E., (eds), 1991, *Motherhood: Meanings, Practices and Ideologies*, Londres, Sage.
- PINTO-COELHO, M. Zara, 2002, *Drogas em Campanhas de Prevenção: dos Discursos às Ideologias*. Dissertação de doutoramento submetida à apreciação da Universidade do Minho em Fevereiro.
- REEVES, Jimmie e CAMPBELL, Richard, 1994, *Cracked Coverage. Television News, the Anti-Cocaine Crusade and the Reagan Legacy*, Londres, Duke University Press, pp. 185-220.
- VALENTIM, Artur, 2000, “O Campo da Droga em Portugal: Medicalização e Legitimação na Construção do Interdito”, *Análise Social*, vol. XXXIV (153), 10007-1042.

- VAN DIJK, Teun, 1997a, “Discourse as Interaction in Society”, in Teun Van Dijk (ed.), *Discourse as Social Interaction*, Londres, Sage, pp. 1-38.
- VAN DIJK, Teun, 1997b, “Semântica do Discurso e Ideologia” in Emília Ribeiro Pedro (org.), *Análise Crítica do Discurso. Uma Perspectiva Sociopolítica e Funcional*, Lisboa, Caminho, pp. 105-169.
- VAN DIJK, Teun, (2001), “Multidisciplinar CDA: a plea for diversity”.| <http://www.hum.uva.nl/teun/multidisciplinarycda2.htm> | (18/06/2001).
- WEST, Candace, LAZAR, Michel, KRAMARAE, Cheri, 1997, “Gender in Discourse” in Teun van Dijk (ed.) *Discourse as Social Interaction*, Londres, Sage, pp. 119-144.
- WODAK, Ruth, 1997, “Introduction: some Important Issues in the Research of Gender and Discourse” in Ruth Wodak (ed.), *Gender and Discourse*, London- Thousand Oaks-New Dehlei, Sage, pp. 1-18.